



MINISTÉRIO DA
CULTURA



FUNДАРPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria
de Cultura



Fundação
Joaquim
Nabuco



UPE
UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO
NORDESTE**

JANAÍNA GUEDES MONTEIRO EVANGELISTA

**MULHERES, TRABALHO E CINEMA:
A REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO NO FUNCULTURA
AUDIOVISUAL**

Recife
2016

JANAÍNA GUEDES MONTEIRO EVANGELISTA

**MULHERES, TRABALHO E CINEMA:
A REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO NO FUNCULTURA
AUDIOVISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com o Ministério da Cultura, a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade de Pernambuco e a Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, como requisito para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Soraya Maria Bernardino Barreto Januário

Recife
2016

JANAÍNA GUEDES MONTEIRO EVANGELISTA

**MULHERES, TRABALHO E CINEMA:
A REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO NO FUNCULTURA
AUDIOVISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

À pain (*in memoriam*):

“Vai tua vida, pássaro contente
Vai tua vida que estarei contigo!”

(Vinícius de Moraes)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, #ForaTemer.

Agradeço imensamente ao meu pai, que durante toda a minha vida, me estimulou a ler e a estudar. A minha gratidão não cabe nesse TCC. O concluo por você, pela vida e luz que você carrega, mesmo havendo partido na metade desse processo. Agradeço por ter me ensinado a seguir em frente, por me iluminar mesmo não estando presente fisicamente.

À minha mãe e meus irmãos, por todo amor e fortaleza que me transmitem. Sou muito grata por viabilizarem, emocionalmente, a minha necessidade de sair de casa e conhecer outros mundos.

À minha companheira de vida, Thais França, por andar de mãos dadas comigo, pelo incentivo de todos os dias, pela paciência com as minhas ausências e pelo acolhimento sereno e apaixonado.

À minha equipe de trabalho. Agradeço a Silvana Meireles, pela oportunidade concedida, e também a Fernanda Matos, pela companhia ao diálogo diário, recheado de assuntos sobre gênero e mulheres. Agradeço ao trio Ana, Mário e Ellen, pelo convívio além-trabalho, pelo compartilhamento de ansiedades e soluções menos dolorosas provenientes desse processo de escrita.

À minhas duas orientadoras, Maria Gonçalves e Soraya Barreto, que, em momentos distintos, foram minhas parceiras no ato de pensar, escrever, nas crises e euforias. Sou muito grata pela generosidade em me ajudar, pelas palavras de estímulo e inspirações teóricas.

À Secult, Fundaj, Ufba. Agradeço através do nome de Isaura Botelho, grande mestra inspiradora. Sua energia, disponibilidade e troca de conhecimentos, durante todos os módulos do curso, foram primordiais para o sucesso desse trabalho. Isaura, você nos excita a ir além.

Agradeço de coração a vocês, pois se não fosse por todas as contribuições amorosas, não existiria esse estudo.

“Uma mulher incomoda muita gente, mulheres unidas e na luta incomodam muito mais.”
(Camila Ribeiro)

EVANGELISTA, Janaína. **Mulheres, Trabalho e Cinema: a Representatividade de Gênero no Funcultura Audiovisual.** 43p. il. 2017. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

A presente investigação objetiva identificar o perfil de mulheres que tiveram propostas aprovadas no Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura e estão produzindo na cadeia cinematográfica, além de mapear os movimentos recentes surgidos na cidade de Recife em resposta ao sexismo sofrido nesse setor de produção. Nosso objeto de análise se centra no edital Funcultura 2015/2016, que de forma pioneira, pontua em acréscimo a participação de mulheres atuando em funções de direção ou roteiro. A pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa e de cunho exploratório (GIL, 2008), a abordagem metodológica será descrita por análise documental e uso de entrevista semi-estruturadas (TRIVIÑOS, 2008). Utilizamos enquanto aporte teórico os Estudos de Gêneros (SCOTT, 1990) sobre o caráter relacional e transversal do gênero, os estudos da antropologia cultural (GEERTZ, 1989; BOTELHO, 2001), o cinema enquanto prática social (TURNER, 1997) e a historicidade da mulher no cinema (PESSOA, 1989; ALVES, 2012; WANDERLEY, 2016).

Palavras-chave: Gênero. Funcultura. Cinema. Pernambuco.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SECULT	Secretaria de Cultura de Pernambuco
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
FUNCULTURA	Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco
ANCINE	Agência Nacional de Cinema
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
MAPE	Mulheres no Audiovisual PE
FEPEC	Federação Brasileira de Cineclubes
APECI	Associação Pernambucana de Cineastas
MAMAM	Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães
CPB	Certificados de Produto Brasileiro
SIC	Sistema de Incentivo à Cultura
ABD	Associação Brasileira de Documentaristas
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
ABRACCINE	Associação Brasileira de Críticos de Cinema
FESTCINE	Festival de Curtas de Pernambuco
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco

LISTA DE TABELAS

1	Distribuição Regional das Mulheres	35
2	Escolaridade das Mulheres	36
3	Idade das Mulheres	36
4	Autodeclaração das Mulheres	36

LISTA DE GRÁFICOS

1	Mulheres contempladas nos projetos.	30
2	Presença de diretores por gênero, nos curta-metragens.	31
3	Divisão das funções ocupadas por mulheres	34

LISTA DE IMAGENS

1	Participação de Mulheres nos projetos aprovados.	32
2	Presença de mulheres por Função de Direção ou Roteiro	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	01
2	MOVIMENTO DE LUTA DAS MULHERES EM PERNAMBUCO.	04
2.1	ATO 1: MOSTRA CINEMA DE MULHER – MARÇO DE 2015	04
2.2	ATO 2: “QUE HORAS ELA VOLTA?” – AGOSTO DE 2015	06
2.3	ATO 3: NOTA - MACHISMO NO CINEMA PERNAMBUCANO – SETEMBRO DE 2015	07
2.4	ATO 4: QUEBRANDO VIDRAÇAS – SETEMBRO DE 2015	08
2.5	ATO 5: MANIFESTAÇÃO NO 2º FESTIVAL DE CINEMA DE CARUARU – NOVEMBRO DE 2015	09
2.6	ATO 6: LANÇAMENTO DO EDITAL 2015/2016 FUNCULTURA AUDIOVISUAL – DEZEMBRO DE 2015	09
2.7	ATO 7: CIRCUITO CINECLUBISTA DE REALIZADORAS PERNAMBUCANAS – MARÇO DE 2016	11
2.8	ATO 8: MULHERES NO AUDIOVISUAL PE (MAPE) – JUNHO DE 2016	12
2.9	ATO 9: FINCAR – JULHO DE 2016	14
2.10	ATO 10: UM CINEMA TOMADO POR MULHERES – NOVEMBRO DE 2016	15
2.11	ATO 11: PARA ALÉM DO TESTE BECHDEL – NOVEMBRO DE 2016	16
2.12	ATO 12: CINEMA DIRIGIDO POR MULHERES – DEZEMBRO DE 2016	16
3	REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO NO AUDIOVISUAL – FUNCULTURA 2015/2016	17
3.1	PRESENÇA DE MULHERES NOS PROJETOS	18
3.2	FUNÇÕES OCUPADAS PELAS MULHERES	21
3.3	OUTRAS INFORMAÇÕES	23
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5	REFERÊNCIAS	28
6	ANEXOS	29

1 INTRODUÇÃO

A construção de sentido se dá nas relações sociais. Através da dinâmica de socialização de valores que damos significado e, portanto, construímos historicamente e culturalmente um conglomerado de discursos, narrativas e comportamentos. O entendimento sobre um assunto qualquer acontece a partir de estruturas de significação (GEERTZ, 1989) ou de códigos estabelecidos (RYLE, 1971) previamente, ou seja, através de um arsenal de significados apreendidos durante a nossa vida somos direcionados a construir determinada forma de olhar as coisas. Conforme afirma Clifford Geertz:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 4)

Compreendemos que a sociabilidade produzida através de interações, diálogos e experiências cotidianas estabelece imagens passíveis de serem reconhecidas ou reproduzidas. Essas imagens são recorrentes no dia-a-dia e o seu potencial simbólico vai além da noção de arte, pois influencia diretamente no comportamento do(a) expectador(a). “Notadamente a partir da década de 1960, tal perspectiva desenvolveu suas investigações no tocante às condições (de percepção) presentes na leitura da imagem, buscando os códigos responsáveis pelo seu poder significante” (XAVIER, 2005, p.18). Turner (1988), afirma que afim de melhor compreender como o cinema pode fazer parte dos sistemas culturais em análise, tornou-se necessário investigar mais de perto o próprio cinema como um meio específico de produzir e reproduzir significação cultural.

O cinema possui um papel de importância na legitimação de imagens e influencia a construção de papéis sociais e de gênero, pois “ser mulher ou ser homem faz parte de uma construção simbólica de um regime de discursos que configuram os sujeitos” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 32). Com efeito, Louro (2008) advoga o caráter pedagógico dos fenômenos comunicais, dentre eles, o cinema. Dessa forma, desde os anos 1960, estudiosos(a)s se dedicam a analisar a representação feminina nas artes, a partir de debates feministas.

Ao longo dos anos, as produções cinematográficas detêm uma fórmula que contém uma série de elementos narrativos clássicos que desenvolve a imagem da mulher para satisfazer os desejos de uma sociedade patriarcal. Elizabeth Ann Kaplan (1995), pioneira nesses estudos, afirma que a crítica cinematográfica feminista surgiu de inquietações de mulheres que reavaliavam a cultura na qual haviam sido criadas e educadas. No entanto, a

preocupação se pautava em uma normativa masculina dominante, pois segundo Kaplan, as imagens das mulheres nos filmes vêm sendo construídas pelo e para o olhar masculino. A mulher como glamour, fetiche, musa inspiradora, objeto de contemplação, resumindo, há uma idealização da mulher nas narrativas. Segundo Mulvey (1983)

A mulher, desta forma, só existe na cultura patriarcal como significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa ao seu lugar como portadora de significado, e não produtora de significado. (MULVEY, 1983, p.438)

Em pesquisa intitulada “Preconceito de Gênero sem Fronteiras: uma pesquisa sobre personagens femininos em filmes populares em 11 países”, divulgada em 2014, observa-se que uma das principais conclusões é que as mulheres são hipersexualizadas nas produções, essa objetificação das mulheres é padrão nos filmes produzidos em 11 países. Costumeiramente, ao relacionar cinema e mulheres, discute-se a sua representação através de personagens ou enquanto consumidoras de filmes melodramáticos e românticos, este é o gênero cinematográfico indicado como produto a ser consumido pelo público feminino; pouco se analisa a mulher enquanto trabalhadora da indústria cinematográfica.

A partir da década de 60, fala-se em cinema a partir dos autores, em consequência ao surgimento de produtoras independentes em reação adversa as superproduções realizadas em Hollywood. O termo é relacionado ao diretor enquanto autor do filme, porém é problematizado pela crítica, que rompe com o conceito de Cinema de autor e afirma que a autoria também é feminina. Essa ruptura acontece na década de 70, em virtude do movimento feminista, na busca pela equidade de direitos e visibilidade das mulheres.

Para a crítica feminista, portanto, a autoria precisava ser ressignificada como um empreendimento estético-político que possibilitasse uma análise tanto historiográfica quanto estilística do cinema de mulheres. Para além da evidência de uma crítica centrada unicamente na espectralidade como um campo não perpassado pelos trânsitos cinematográficos das mulheres que fazem seus filmes (DANTAS, 2015, p.93).

Na mesma década, com as críticas contínuas a dominação masculina na subjetividade dos roteiros, o conceito Cinema de Mulheres emerge, porém, só se torna reconhecido a partir da década de 90. Em problematização às representações de mulheres em filmes de autoria masculina, Lauretis (1984) considera que o “cinema de mulheres” é fundamental para criar novas formas de visão, que possibilitem a identificação com as espectadoras, que não se reconheceriam nas imagens retratadas pelo cinema clássico. Segundo Pessoa (1989), a presença de mulheres na direção de filmes é fato episódico em todas as

cinematografias, além do que, quando as realizadoras começam a atuar, dentre os diversos temas explorados, figura o da própria situação da mulher na cultura e na sociedade. Os filmes realizados por mulheres, no Brasil, na década de 70, criticam o consumo da mulher como objeto erótico e abordam a liberação sexual feminina.

De lá pra cá já se passaram meio século e o termo continua um tabu. O debate em torno das relações de gênero no cinema ganha as pautas das mídias sociais e dos meios de comunicação. Em 2015, a atriz estadunidense Patricia Arquette reivindicou na entrega do Oscar, contra a desigualdade de gênero em âmbito profissional. Ela dedicou seu prêmio as mulheres e discursou: “Lutamos pela igualdade de direitos de todo mundo. É nosso momento para conseguir igualdade de salários de uma vez por todas, e igualdade de direitos para as mulheres dos Estados Unidos da América¹”

A discussão de gênero nos diversos segmentos sociais, culturais, profissionais e de políticas públicas tornou-se pauta indispensável frente às necessidades de uma sociedade diversificada e contemporânea. Pela transversalidade das questões de Gênero (SCOTT, 1990), suas interseccionalidades (NOGUEIRA, 2001) e do conceito antropológico de Cultura (BOTELHO, 2001), a possibilidade das reflexões é abundante, seja na produção cultural, nas expressões artísticas, nos mecanismos de incentivo, entre outros.

Os debates sobre igualdade de gênero, representatividade de mulheres, machismo, empoderamento feminino e violência contra a mulher vem ganhando visibilidade e hoje são recorrentes em nosso dia-a-dia em sociedade, entretanto, nunca esteve tão presente na mídia *mainstream* como nos dias atuais. Barreto Januário e Veloso (2017) advogam que 2015 foi o ano do empoderamento feminino (que perdurou em 2016) e certamente terá continuidade em 2017. A criação de redes de monitoramento como o Instituto Patrícia Galvão auxiliam nesse processo crítico dos produtos midiáticos e seus (uas) produtores (as).

No contexto local e nacional, com foco em Recife-PE, há uma crescente presença de mulheres atuantes na cadeia produtiva do Audiovisual. Podemos sugerir que esse crescimento se deve a essa movimentação de mulheres por direitos e representatividade e do próprio processo de empoderamento. Há um longínquo caminho de mulheres que desbravaram certas áreas de trabalho, que foram pioneiras. Com efeito, elas agora participam da produção cinematográfica, escrita de roteiro, direção de filmes, crítica de cinema etc, as funções são tão diversas que rebete as críticas sexistas existentes na sociedade e no setor de

¹Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/23/cultura/1424678740_681066.html. Acessado em: 07 de março de 2017.

que não há um número suficiente de mulheres representativas. As mulheres continuam invisibilizadas profissionalmente, enfrentam dificuldades em serem protagonistas, ouvidas e em terem equidade de salários.

O Audiovisual, em Pernambuco, possui edital exclusivo para seu fomento, desde 2007, mas em 2014 é publicada a Lei do Audiovisual, nº 15.307, que “disciplina a promoção, o fomento e o incentivo ao audiovisual no âmbito do Estado de Pernambuco e cria o Conselho Consultivo do Audiovisual de Pernambuco²”. O foco dessa pesquisa é o edital 2015/2016 do Funcultura Audiovisual, onde apresenta inovações pactuadas no âmbito do Conselho Consultivo do Audiovisual e da Comissão Deliberativa do Funcultura. O nosso objeto de análise se centra no material encaminhado para a inscrição de projetos, que de forma pioneira, pontua em acréscimo a participação de mulheres atuando em funções de direção ou roteiro.

2. MOVIMENTO DE LUTA DAS MULHERES EM PERNAMBUCO.

Com o intuito de compreender a historicidade do movimento de mulheres no audiovisual percorrendo o âmbito local, propomos traçar uma linha do tempo de eventos e acontecimentos que contribuíram para o debate sobre o papel e o lugar das mulheres no cinema em Pernambuco. Com efeito, cabe ressaltar que a inserção de mulheres no audiovisual é longínqua e possui conquistas importantes, no entanto, é notória a resistência e invisibilidade de mulheres enquanto realizadoras e diretoras. Nesse sentido, a nossa perspectiva empírica surge do recente debate que gerou polêmica em todo mundo, permeado pela agendamento do feminismo e temáticas do empoderamento feminino na mídia entre 2015 e 2016 (BARRETO JANUÁRIO; VELOSO, 2017).

2.1 ATO 1: MOSTRA CINEMA DE MULHER – MARÇO DE 2015

Proposta por cinco mulheres, em março de 2015, um mês após Patrícia Arquette pedir direitos iguais no Oscar, foi divulgada uma mostra intitulada Cinema de Mulher. O evento consistiria de exhibições de filmes de realizadoras, cuja temática questionava o lugar da mulher no audiovisual. O material de divulgação do evento justifica a discussão sobre a visibilidade do cinema feito por elas:

² Até o ano de 2016, o Audiovisual é a única linguagem artística cultural que possui um edital próprio, no Sistema de Incentivo de Pernambuco. Até o presente momento, o Audiovisual é a única linguagem que possui um Conselho próprio.

No universo audiovisual, que não se diferencia nesse ponto de outras esferas da arte e da política, o masculino é tomado como universal e o cinema feito por mulheres ainda aparece como algo incomum. Ou como um cinema para mulheres, apenas. Ampliar o espaço da representação feminina no cinema é um passo para a naturalização da presença da mulher nas telas e fora delas. (texto de divulgação do evento, na rede social *facebook*)

O que ninguém sabia é que as exposições incluíam um pré-evento, ou “Mostra Virtual” (WANDERLEY, 2016, p.88): “O que porra é cinema de mulher?”. O polêmico debate no *facebook*, acerca do nome da Mostra, rendeu uma quantidade de comentários agressivos e machistas de integrantes do meio cinematográfico. A pós-modernidade e o crescimento do número de mulheres na cadeia produtiva do audiovisual não foram suficientes para silenciar a proliferação de xingamentos, ironias e piadas postadas na rede social. Os comentários variavam entre “filme de mulherzinha?”, “Será que esses filmes prestam? Pq o nome é triste!”, “pra mim cinema é e sempre foi uma mulher.

Há uma compilação desses insultos, com o objetivo de documentar as discussões realizadas via web³. Sobre o assunto, a realizadora Natália Lopes Wanderley (2016), escreveu sua dissertação de mestrado “O que porra é cinema de mulher? A Mostra Cinema de Mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano”. Este é um dos raros trabalhos que historiciza a representação das mulheres na cadeia artística do audiovisual, com foco em Pernambuco, e revela situações vivenciadas pelas trabalhadoras do setor a partir do evento. Nesse estudo de caso, o cinema pernambucano é analisado pela ótica dos valores masculinos dominantes sobre a representação de mulheres realizadoras. O reconhecimento de uma Mostra que possui, exclusivamente na sua programação, filmes de mulheres enquanto diretoras, provocou reações diversas a respeito da representação de gênero no cinema.

Para embasamento, Natália Wanderley pontua importantes momentos do audiovisual em Pernambuco, desde a política pública cultural para a cadeia até as produções de mulheres cineastas contemporâneas e as suas articulações no Estado. Estabelece a emergência das minorias de gênero, raça e classe no cinema pernambucano e situa o atual momento de denúncias e reivindicações contra o machismo no campo.

Aqui, o cinema pernambucano contemporâneo é visto pelo prisma de uma comunidade política imaginada (Anderson) reunida em torno de uma cultura visual. Já as mulheres, parte dessa cadeia produtiva cinematográfica, desde suas iniciativas para o reconhecimento enquanto diretoras/realizadoras de cinema frente ao machismo dominante, serão vistas como uma comunidade de sentimento (Appadurai). (WANDERLEY, 2016, p. 4)

³ Disponível em: <http://cinemademulher.tumblr.com/>. Acessado em: 09 de março de 2017.

Wanderley contextualiza a indústria cinematográfica a partir do conceito de Cinema de Mulheres, da importância dos feminismos (JESUS, 2013), das críticas feministas e finaliza com as perspectivas sobre o cenário pós-mostra. Em suas conclusões, uma de suas sugestões é que “pelo capital cultural acumulado na luta das mulheres até hoje, a *comunidade de sentimentos* delas esteja cada dia mais forte e consciente de seus laços e força”. Continua ao dizer que “se o *dever mulher* das sociedades em algum momento se tornará ‘realidade’ ou não, é fato que em 2015 se iniciou uma pequena revolução na cadeia produtiva do cinema pernambucano, em prol da desconstrução do machismo no audiovisual.”

Respondo a última indagação feita pela autora, se haveria a segunda mostra *Cinema de Mulher*, em março de 2016. Não, não houve, porém novos espaços foram e estão sendo ocupados e ações diversas foram realizadas até o presente momento. A partir desse acontecimento muitos desdobramentos são vivenciados periodicamente pela sociedade, em Pernambuco.

2.2 ATO 2: “QUE HORAS ELA VOLTA?” – AGOSTO DE 2015

Em 01 de setembro de 2015, o Jornal Folha de Pernambuco publicou a matéria “Fundaj bane Cláudio e Lírio”, sobre nota divulgada pela Fundação Joaquim Nabuco. A Fundaj anunciou que não permitiria “qualquer evento envolvendo os dois realizadores, e suas respectivas produções, em qualquer espaço” no prazo de um ano. A causa desse posicionamento institucional foi o episódio ocorrido entre a diretora Anna Muylaert e os cineastas Cláudio Assis e Lírio Ferreira, quando ambos encontravam-se no espaço em que ocorria o debate sobre o filme dirigido por Anna Muylaert “Que horas ela volta?”. Na ocasião acontecia o lançamento do filme, e conforme relatos em jornais e nas redes sociais, os dois diretores viraram os protagonistas do dia, pois atrapalharam as discussões com interrupções em meio às falas, interferência na mediação com a plateia, além de tecer comentários gordofóbicos e homofóbicos sobre a equipe do filme. A medida tomada pela Fundaj causou reações distintas, desde elogios e discursos parabenizando a ação, a argumentos que afirmam que o filme não é feito só pelo diretor e que não poderiam punir toda a equipe e os espectadores.

O diretor Lírio Ferreira, em entrevista⁴, relatou o episódio:

⁴ Disponível em:

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2015/08/31/internas_viver.595391/lirio-ferreira-diz-que-estava-bebado-e-pede-desculpas-a-anna-muylaert-apos-polemica-no-cine-do-museu.shtml.

Acessado em 10 de março de 2017

O que aconteceu foi que eu saí num sábado à noite para prestigiar a estreia do filme de minha querida amiga, bêbado. Quando cheguei, a sessão já tinha começado e fiquei pro debate. Na mesa, eu fiquei esperando uma oportunidade para elogiar o trabalho de Anna, mas o mediador tentou dar a palavra à plateia. E eu me intrometendo pra tentar retomar o raciocínio. Depois me dei conta que estava atrapalhando, peguei um táxi e fui embora. Agora, estou sendo crucificado no Facebook. Só posso pedir desculpas à Anna, como de fato o fiz, logo depois dessa repercussão toda.

Atualmente, há uma constante vigilância ao não reconhecimento e às violências contra o gênero. Porém, ao tempo que as contestações à justificativa de Lírio refletem uma não-aceitação de um comportamento repressor, por outro lado, vivencia-se também, a aceitação da explicação dada pelo cineasta. A diretora Anna Muylaert afirmou em entrevista⁵ que eles:

Agiram de maneira infantil e boba, numa atitude de egolatria comum aos homens. Quando viram uma mulher em evidência, precisaram atrapalhar o momento. (...) O machismo é um tema levantado recorrentemente em todos os lugares que frequento. Em países da Europa, em várias cidades do Brasil que tenho visitado, o assunto sempre vem à tona. As mulheres não aguentam mais. Estamos todas por um fio.

A repercussão do fato contribuiu para mais uma reflexão sobre a (não)aceitação do protagonismo da mulher, tanto na sociedade como especificamente, no Audiovisual. “O ocorrido é sintomático de uma questão que impacta todas as relações profissionais no audiovisual: a dificuldade dos profissionais homens de reconhecer e respeitar o papel de protagonismo das mulheres na produção de cinema.” (Coletivo Quebrando Vidraças – Recife-PE⁶). Após essa ocasião, algumas mulheres reuniram-se com o objetivo de formarem uma rede, se articularem e responderem socialmente sobre a sua representatividade no campo cinematográfico.

2.3. ATO 3: NOTA - MACHISMO NO CINEMA PERNAMBUCANO – SETEMBRO DE 2015

Cinco dias após a exibição do filme dirigido por Anna Muylaert, divulgaram uma nota de repúdio⁷ sobre o que aconteceu no lançamento do filme “Que horas ela volta?”. Quinze coletivos feministas de Recife assinaram o texto, cuja imagem contém o bordão

⁵ Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Fundacao-cinematografica-de-Recife-pune-diretores-por-machismo>. Acessado em: 10 de março de 2017.

⁶ WANDERLEY, Natalia Lopes. *O que porra é cinema de mulher*. A mostra Cinema de Mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco

⁷ A nota está disponível, na íntegra, nos anexos do estudo.

feminista: Machistas não passarão! Além da descrição sobre o ocorrido na exibição, é argumentada uma série de posturas contrárias a medida suspensória lançada pela Fundaj. De 2015 pra cá, os dois episódios que envolvem a representação de mulheres cineastas em Recife, aconteceram na Fundaj. Ao final da nota, afirma-se que a sanção provisória da Fundação deveria ser acrescida de um evento de formação que contemplasse “uma mostra de filmes realizados por mulheres, com representação expressiva de cineastas negras, lésbicas e transexuais, além de um espaço para discussão sobre o machismo e a representatividade das mulheres no audiovisual, especialmente no cinema pernambucano.”

2.4. ATO 4: QUEBRANDO VIDRAÇAS – SETEMBRO DE 2015

Após divulgação da nota, as articulações continuam e reverberam-se na cidade. Em 18 de setembro de 2015 realizou-se o “Encontro das mulheres na Fundaj – Para a construção de um evento/ação sobre o machismo no cinema pernambucano”. A reunião aconteceu com a presença de 21 mulheres, de instituições, movimentos, coletivos e profissões múltiplas, mas que trabalhassem com audiovisual. Foi debatido o machismo especificamente no cinema pernambucano, e sugerido ações como as que vieram a acontecer posteriormente: intervenção do grupo no festival Janela Internacional de Cinema e eventos de formação.

Em seguida, o grupo reunido se nomearia “Quebrando Vidraças” e seria formado por mulheres trabalhadoras do audiovisual em Pernambuco. A iniciativa de criação do coletivo é proveniente dos acontecimentos anteriores e evidencia a vontade de articulação das mulheres da cadeia produtiva contra a misoginia existente no campo e na sociedade. Após essa reunião, outras viriam a acontecer, além de ações sugeridas inicialmente como a performance na abertura do Janela Internacional de Cinema e uma roda de diálogo “Quebrando Vidraças: desconstruindo o machismo no audiovisual pernambucano”. As duas ações aconteceram estrategicamente no mesmo período do Janela.

A intervenção na abertura do festival foi realizada por mulheres, que levantavam cartazes com os dizeres “Cinema de Mulher - Quebrando Vidraças”, fizeram performances e distribuíram os panfletos para a roda de diálogo. No ato foram ditos jograis como: “Machistas no Audiovisual: não passarão. Racistas no Audiovisual: não passarão!”, assim como, as manifestantes gritavam frases machistas ditas sobre a Mostra Cinema de Mulher. A segunda ação realizada foi no auditório do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (Mamam) com uma programação que continha, principalmente, uma roda de diálogo sobre cinema de

mulheres, gênero, empoderamento, visibilidade, cadeia produtiva, dificuldades e formas de virar esse jogo, conforme divulgação no *facebook*.

2.5. ATO 5: MANIFESTAÇÃO NO 2º FESTIVAL DE CINEMA DE CARUARU – NOVEMBRO DE 2015

Ao tempo que acontecia o Janela Internacional de Cinema, em novembro de 2015, houve, no interior de Pernambuco, o 2º Festival de Cinema de Caruaru. Um dos homenageados do festival foi o realizador Claudio Assis, que ao subir ao palco, foi aplaudido por alguns. Logo, um grupo formado por maioria de mulheres, o recebeu com apitação. Elas levantaram cartazes e com um megafone, falaram gritos de protesto como: “machistas não passarão!”. Durante todo o protesto, o grupo não permitiu que Claudio Assis falasse, os organizadores dizem que o evento não ia permitir que “aquela baboseira” continuasse ali. Claudio Assis começa a dançar debochadamente ao som dos gritos. Alguns homens que estão na platéia levantam, batem palmas e gritam em conjunto: fora! A mediação acontece pois uma representante da Federação Brasileira de Cineclubes (FEPEC) explica a criação do grupo, se coloca como pertencente, mas pede que as pessoas respeitem e permitam que o evento continue. Até que O grupo decide sair do teatro, com os gritos de ordem e é vaiado. O vídeo foi compartilhado no *facebook* com o seguinte relato:

Aqui dá pra ver versão estendida do escracho e a fala de um dos organizadores, Edvaldo Santos (que ficou tocando em nós, cobrindo com suas mãos as nossas bocas enquanto apitávamos), dizendo que aquilo era uma baboseira. O machismo no audiovisual em Pernambuco não é novidade, mas nós estamos quebrando as vidraças e mudando essa cultura escrota de cordialidade com os agressores. Enquanto houver injustiça, haverá escracho feminista. (depoimento retirado do facebook)

2.6. ATO 6: LANÇAMENTO DO EDITAL 2015/2016 FUNCULTURA AUDIOVISUAL – DEZEMBRO DE 2015

No âmbito legislativo, para financiamento de projetos culturais, atualmente o Sistema de Incentivo à Cultura (SIC) do Governo Estadual se resume ao Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura). O Funcultura é um fundo público, destina-se ao financiamento direto de projetos artístico-culturais por meio de seleção pública, o que permite o estímulo e a democratização do fomento aos diversos segmentos culturais. O Fundo conta com uma Comissão Deliberativa formada por representantes do poder público e

da sociedade civil tem formato tripartite, e se classifica por ser a instancia máxima de definições relativas ao fundo.

Recentemente, o SIC foi debatido pelo governo e sociedade civil, para alterar o projeto de lei, com o objetivo de ampliar e diversificar os instrumentos de fomento. A proposta⁸ já foi entregue a Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco e recebeu parecer favorável da Comissão de Educação e Cultura. O Cadastro de Produtores Culturais está no processo de se tornar informatizado, o que o aprimorará e tornar-se-á mais eficiente para a gestão como para o(a)s produtor(a)s culturais. Em nível de elaboração de estudos e pesquisas, essa iniciativa se tornará um instrumento valioso para reunião de dados e informações sobre o perfil de agentes culturais e o cenário cultural do Estado.

O edital do Funcultura Audiovisual 2015/2016 apresenta prioridades no que se refere a gênero, raça, etnia e acessibilidade, a partir da concessão de aprovação de pelo menos um projeto em que mulheres, indígenas, negro(a)s e pessoas com deficiência, atuem nas funções de direção ou roteiro, no caso de projetos de obras audiovisuais, e qualquer membro da equipe principal nas demais categorias do edital. Na análise do projeto técnico, será concedido pontuação extra para os projetos que possuem em sua equipe principal profissionais mulheres, negros(a)s, pardo(a)s e indígenas.

Em tempos de articulação entre as mulheres por maior representatividade de gênero no audiovisual, as alterações realizadas pelo instrumento de incentivo alcançam um papel de importância na indução e legitimação da participação da mulher na cadeia produtiva. Por trás das telas, há um expressivo quantitativo de profissionais e uma relevância evidente na economia do país. Essas profissões respondem a uma hierarquia, assim como na maioria dos ambientes ou setores de trabalho, há funções mais visibilizadas que outras. Sobre as ocupações na indústria cinematográfica, os debates contemporâneos incluem equidade de gênero e participação de mulheres atuando em funções de direção e roteiro, em consonância com os novos critérios do Funcultura. De acordo com pesquisa realizada pela Ancine, sobre a presença feminina no audiovisual brasileiro, em 2015, a participação das mulheres no mercado audiovisual, nas funções de direção e roteiro, é mínima quando comparada aos homens.

Embora a participação das diretoras e roteiristas sejam crescentes, o percentual possui uma representatividade de mulheres pequena nos filmes brasileiros. O Funcultura

⁸Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/governo-envia-a-alepe-projeto-de-lei-que-altera-o-sistema-de-incentivo-a-cultura/>. Acessado em: 12 de março de 2017.

obtem anualmente dados que, analisados, podem virar indicadores culturais. Em capítulo posterior, nos aprofundaremos nos números levantados no fundo estadual, especificamente nas funções em que há presença feminina.

2.7. ATO 7: CIRCUITO CINECLUBISTA DE REALIZADORAS PERNAMBUCANAS – MARÇO DE 2016

Em decorrência aos fatos e debates produzidos em 2015, o ano de 2016 inicia com a produção de reflexões e ações sobre os papéis das mulheres por trás das câmeras. Para dar continuidade às discussões sobre gênero, em março de 2016, a Fepec apresenta, em parceria com o Quebrando Vidraças, o lançamento do Circuito Cineclubista de Realizadoras – PE, com uma roda de diálogo “Cinema por Elas”. O circuito propõe que filmes realizados por mulheres sejam distribuídos aos cineclubes filiados à entidade. A roda de diálogo é realizada com mulheres trabalhadoras da cadeia e pesquisadoras de gênero, como a realizadora Natália Lopes Wanderley, citada no tópico sobre a Mostra Cinema de Mulher, onde apresenta sua pesquisa sobre o Machismo no Audiovisual Pernambucano. A discussão é pautada com temas sobre a produção audiovisual das mulheres, aceitação do seu lugar na cadeia produtiva e a inserção de mulheres negras no setor:

Entre as personagens interpretadas por atrizes negras no cinema, a efervescência do debate sobre “cinema de mulher” e a repercussão no meio predominantemente masculino do cinema pernambucano e a importância de ter mais espaços para pensar a temática, algumas perguntas ficaram em aberto para serem respondidas coletivamente: Quem é a mulher no cinema? Que papéis e quais os lugares de poder as mulheres ocupam? As mulheres no cinema estão recebendo as mesmas oportunidades que os homens?⁹

Se os números de mulheres nos cargos de direção e roteiro são menores do que os números de homens, quando estuda-se a mulher negra no Brasil, a situação é ainda menos representativa. Na ocasião, é citada a pesquisa “A cara do cinema Nacional”, realizada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em que, o objeto de pesquisa foram os filmes de maior bilheteria durante os anos de 2002 a 2012. O resultado é que, do recorte de produções analisadas, não houve uma mulher negra enquanto diretora ou roteirista.

Apesar de serem mais de metade da população (50,7%), os pretos e pardos representaram apenas 20% dos atores e atrizes que atuaram em papéis de destaque nos filmes brasileiros de maior bilheteria entre 2002 e 2012. O viés de gênero no

⁹ BRITTO, D (2016) Lugar de mulher é onde ela quiser. Disponível em: <http://cclf.org.br/noticias/cinema-por-elas-lugar-da-mulher-no-cinema-e-onde-ela-quiser/>. Acesso em 12 de março de 2017

cinema do país também é forte: mulheres têm baixa participação nas funções de direção e roteirização dos filmes comerciais.¹⁰

As iniciativas como ações de formação, pesquisas, produção de filmes são muito importantes para a luta por mais representatividade. Percebem-se nessas reuniões que a maioria das pessoas presentes são mulheres que buscam se conhecer e partilhar relatos de vivências, na busca da valorização da mulher. O engajamento dessas mulheres na realização audiovisual gerará outras ações na cidade.

2.8. ATO 8: MULHERES NO AUDIOVISUAL PE (MAPE) – JUNHO DE 2016

Uma pesquisa rápida na internet faz encontrar um número significativo de sites, grupos e páginas de debates sobre as mulheres no audiovisual. O conteúdo compartilhado nos grupos vai desde troca de informações sobre trabalhos, divulgação de produções e pesquisas, até denúncias sobre assédio e violência contra a mulher. Já o grupo Mulheres no Audiovisual PE é criado a partir dessa carta divulgada na rede social:

O momento político-social brasileiro exige engajamento e luta. (...) Repensar nossos lugares, ocupar nossos lugares, dizer “aqui estamos”, “não somos invisíveis”, “respeitem nossos corpos, nossas vozes, nossas lideranças” faz-se cada vez mais urgente. Porque a igualdade ainda é um caminho a ser percorrido, buscado e – oxalá! – alcançado. Chegou a hora de levantar as barricadas, preparar nossas bandeiras e usar nossas armas. Todos os espaços devem se engajar nesse processo e por isso nasce a Frente “Mulheres no Audiovisual”. Porque entendemos a força dessa linguagem e, mais do que isso, entendemos que essa luta também é nossa, como profissionais do audiovisual, abrindo e rasgando o machismo imenso que nos ronda, e como mulheres, sentindo e vivendo na pele diariamente o que nos oprime. Juntamo-nos, portanto, ao grito das ruas, àquelas que estão nessa luta há muito mais tempo, às jovens, negras, periféricas, idosas, lésbicas, mulheres e afeminadas, acreditando em nossos corpos, olhares e gritos como possibilidade de uma nova política. Acreditando cada vez mais que a revolução será feminista¹¹!”

Grupos como esses afirmam que os movimentos recentes de empoderamento feminino causam um despertar da necessidade de luta de uma categoria, e uma das estratégias utilizadas são as tecnologias sociais e colaborativas para criação de redes. A página possui 3.999 curtidas, mas o canal de diálogo para marcar reuniões e outras ações é um grupo fechado, também no facebook. O grupo se reúne mensalmente e acontece reunião de grupos

¹⁰ TOSTE, V; CANDIDO, M. O Brasil das telas de cinema é um país branco. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/> Acessado em 12 de Maio de 2017

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheresnoaudiovisualpe> Acesso em 14 de março de 2017

de trabalho específicos também. Em entrevista realizada com Carol Almeida, jornalista e crítica de cinema, afirma que o grupo Mulheres no Audiovisual

(...) surge como uma tentativa muito mais de fortalecer essa rede produtiva de mulheres que trabalham com audiovisual diretamente. Numa tentativa de, em um primeiro momento, acolher essas mulheres para escutar o que se passa, por exemplo, num set de filmagens e como a cadeia produtiva reproduz algumas dinâmicas de opressão da própria sociedade patriarcal e, num segundo momento, que é o que elas estão fazendo agora, de formação mesmo, de uma ajudar a outra a se especializar naquilo que de melhor elas sabem fazer”.

Além da preocupação na formação de mulheres, o coletivo vem trabalhando na produção de filmes, há pesquisas, roteiros e luz feita a várias mãos. Na página, são postados filmes realizados por mulheres, com direção, roteiro, produção e diversas outras funções ocupadas por mulheres. De acordo com a jornalista, a diferença entre os dois grupos é que o “Quebrando Vidraças” surge com um intuito mais político, de criar ações políticas contra o machismo, se torna um grupo de gerar debates. Enquanto o “Mulheres no Audiovisual-PE” é mais voltado a gerar ações, criar filmes, formação de pessoas, entre outras coisas.

Sobre as atividades realizadas, o coletivo deu subsídios técnicos audiovisuais em manifestações como a Marcha das Vadias Recife, a ocupação das escolas, a sessão especial dos 10 anos da Lei Maria da Penha, fez a cobertura do VI Encontro Cores Femininas, realizou uma oficina de produção executiva para mulheres, participou de debates que envolvesse gênero e raça, como o evento sobre Direitos Humanos e Olimpíadas: gênero, raça, liberdade e refugiados. Lançou notas de repúdio contra o golpe de Estado, ocupou o Cine Olinda com exposições de filmes realizados por mulheres pernambucanas, produziu vídeo sobre a Lei Maria da Penha, participou de um júri formado apenas por mulheres no IX Janela Internacional de Cinema (2016) a convite da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD).

Na exibição do filme *Câmara de Espelhos*, de Déa Ferraz, no IX Janela Internacional de Cinema, realizaram uma manifestação no Cinema São Luiz, da qual, mais de 50 mulheres subiram ao palco e levantaram a faixa escrita: Representatividade Já! Em novembro de 2016, houve a realização da Mostra MAPE no Cineclube Amoeda Digital, em Recife. A programação consistiu em cinco dias de exposições e debates com realizadoras e trabalhadoras do audiovisual pernambucano, com debates sobre o lugar da mulher no cinema e no mundo, conforme descrição do evento no *facebook*.

2.9. ATO 9: FINCAR– JULHO DE 2016

O Festival Internacional de Cinema de Realizadoras, viabilizada através do Funcultura, surge em sua primeira edição e tem por objetivo, investigar o processo criativo audiovisual feito por mulheres. Apresenta em sua programação, um panorama das produções cinematográficas no mundo, diversidade fomentada através da pluralidade cultural das mulheres realizadoras, e duas rodas de diálogo cuja temáticas eram: Cinema Negro no Feminino e Corpos Femininos no Cinema.

No debate sobre a hierarquia na cadeia cinematográfica discutiu-se as funções que as mulheres ocupam e a invisibilidade desses trabalhos. A pesquisadora Daiany Dantas trouxe a sua pesquisa sobre os Corpos Visíveis – Matéria e Performance no Cinema de Mulheres e afirmou que é preciso responder socialmente a assinatura de um filme, pois as instituições não consideram o protagonismo feminino, além da tensão gerada ao utilizar o termo Cinema de Mulheres. A pesquisadora reflete que ser mulher, em nossa sociedade, é uma limitação social. Natália Lopes Wanderley retorna ao falar sobre sua pesquisa de mestrado e o seu sentimento de não pertencimento aos espaços de vivência com seus pares de profissão, pois não se reconhecia de forma igualitária com a hierarquia e privilégio masculino no setor.

Carol Almeida também participa do debate e dá sua contribuição sobre ser crítica de cinema enquanto 74% são homens. Ela cita que no site da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (ABRACCINE), 81% dos profissionais são homens. A realizadora Déa Ferraz coaduna com a fala de Natália Wanderley sobre o sentimento de não pertencimento na história do cinema. Fala sobre o seu novo filme, Câmara de Espelhos¹², e como ele foi importante para ela refletir sobre que mulher era e entender o seu lugar como mulher e no espacialmente, no cinema.

Com o coletivo Mulheres no Audiovisual, descobri que não estou sozinha. Não pertencço à panelinha machista. Tem um monte de mulheres no cinema. Sobre a cadeia produtiva, há dificuldade de encontrar mulheres em algumas funções. Precisamos formar essas mulheres. Tem um monte de mulher fazendo coisa massa e aí que a gente precisa se legitimar. Vamos colocar esse caldeirão pra ferver! (Fala de Déa Ferraz)

¹²Câmara de Espelhos, realizado por Déa Ferraz, estreou em 2016, em Brasília. O filme expõe homens conversando sobre mulheres, a partir de cenas temáticas exibidas em uma tv. Os temas variam entre vida doméstica, casamento, sexo, violência contra a mulher, feminismo, aborto, entre outros.

2.10 ATO 10: UM CINEMA TOMADO POR MULHERES – NOVEMBRO DE 2016

O Festival Janela Internacional de Cinema de 2015 foi palco de uma performance independente do Coletivo Quebrando Vidraças, conforme discutimos em tópico anterior. Em 2016, após manifestações e atos realizados por mulheres, o mesmo festival as convida para fazer parte da programação, com uma mesa de diálogos. Na divulgação do festival, um breve resumo sobre o debate: “No momento em que se reivindica e se destaca uma tomada do mercado de cinema por profissionais mulheres, o que se transforma? Existe algo como uma visão feminina do cinema?”

A mesa foi composta por quatro realizadoras, uma distribuidora e na mediação, a jornalista e crítica de cinema, Carol Almeida. O público que estava presente, assim como em outros momentos de atividades realizadas, era formado por mulheres, em sua maioria. Durante um momento, elas se questionaram sobre a presença masculina naquele espaço, e sobre o comparecimento de homens cineastas, pois nem Kleber Mendonça, realizador do Festival, estava ali. O diálogo segue com as participantes falando sobre suas experiências profissionais, enquanto Carol Almeida instiga o debate com pautas atuais e que vem sendo discutido em eventos anteriores. Silvia Cruz, fundadora da Vitrine Filmes, informa que, dos 80 filmes que distribui, só há produções de 9 mulheres diretoras e que nenhuma é negra. Esse dado reflete a pesquisa realizada pela UERJ sobre a baixa participação de mulheres e negro(a)s nas funções de atuação, direção, e roteirização no cinema brasileiro. Déa Ferraz pergunta o quanto as mulheres estão acordadas para ouvir e entender o machismo:

“Eu tenho que entender como se comportar fisicamente num set, porque eu queria ser homem. Eu tentava fazer igual a eles. Eu ria das piadas e me comportava do mesmo jeito, quando me dei conta exatamente de quem eu sou nesse mundo. Quero entender o que é ser mulher nesse mundo. (...) A quantidade de coisas que a gente escuta no set... eu não quero fazer como os homens.”(depoimento de Déa Ferraz na mesa “Um cinema tomado por mulheres”, no Janela Internacional de Cinema 2016)

Conforme os diálogos acontecem, nesses espaços de encontros temáticos, aumenta-se o número de depoimentos de mulheres sobre as experiências no cotidiano do setor. O sentimento de não pertencimento e a pergunta sobre qual o seu lugar na história do cinema, recorrente nas falas, nos faz refletir sobre disparidades que ocorrem no interior dessa indústria cinematográfica. A desigualdade de tratamento e oportunidades não se resume a divisão baseada exclusivamente no sexo, mas compreende também a cor, identidade de gênero e identidade sexual das profissionais. Quando a realizadora Déa Ferraz afirma que, em meio a outros homens, se colocava no lugar deles para que fosse ouvida ou respeitada, se

torna urgente a necessidade de pensar sobre gênero, dominação masculina (BOURDIEU, 1998) e a contribuição do movimento feminista nas relações atuais.

2.11 ATO 11: PARA ALÉM DO TESTE BECHDEL – NOVEMBRO DE 2016

Os temas norteadores para as escolhas da etapa formativa do Festival de Curtas de Pernambuco (FestCine), realizado pelo sistema Secult Fundarpe, são as questões urgentes para o audiovisual brasileiro e a própria política pública para o setor, o que possibilitou ganhar mais relevância no cenário de festivais. Na ocasião, houve a realização da oficina “Para além do teste Bechdel: representação da mulher no cinema”, ministrada pela jornalista Carol Almeida, da qual faz parte de dois coletivos citados aqui: Quebrando Vidraças e o Mulheres no Audiovisual PE e possui a proposta de gerar reflexões sobre a cinematografia de diretoras e questionar padrões como o da mulher-musa e da mulher-coadjuvante no audiovisual.

No encerramento do festival, houveram falas de mulheres, muito importantes, como a Coordenadora de Audiovisual, Milena Evangelista e Carol Almeida. Milena aborda as políticas públicas setoriais ao falar, com destaque, sobre os filmes dirigidos por mulheres realizadoras. Carol falou, no Cinema São Luiz, sobre a urgência do debate sobre mulheres no audiovisual:

“A força e a energia que a oficina trouxe prova o quanto esta é uma ação urgente. Falamos dessa força que a gente precisa colocar em cena, que é a força das mulheres do audiovisual. Espero que essa oficina tenha continuidade nas próximas edições e que o tema renda ainda muito debate”, manifestou Carol.

O júri oficial da Mostra Competitiva foi formado por 2 mulheres e 1 homem, o que reflete nas discussões sobre a paridade de gênero nas comissões de curadorias e nas ações já implantadas pela SpCine e pela Ancine. No programa Brasil de Todas as Telas, há a valorização da participação feminina nas comissões de seleção das chamadas públicas.

2.12 ATO 12: CINEMA DIRIGIDO POR MULHERES – DEZEMBRO DE 2016

O Instituto Cervantes, em Recife, possui um programa dedicado as produções dirigidas por mulheres, nomeado de “Espaço Feminino”. Mesmo que as mulheres diretoras permaneçam em condições de inferioridade ao analisar as funções artísticas e técnicas do setor, essa iniciativa possibilita a visibilização delas no cinema espanhol.

3 REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO NO AUDIOVISUAL – FUNCULTURA 2015/2016

Nessa parte da pesquisa, iniciaremos a análise dos dados colhidos em nosso recorte do *corpus*, projetos inscritos no edital 2015/2016 do Funcultura Audiovisual. Com efeito, utilizaremos a análise documental enquanto aparato metodológico, pela abundância de informações que podemos extrair e ampliar o entendimento sobre os fatos. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (CELLARD, 2008). A compreensão destes instrumentos é pertinente para a fundamentação da política pública de gênero no Sistema Secult Fundarpe, ao compreendermos que as pesquisas são imprescindíveis para uma gestão cultural estruturante, que compreenda o perfil de artistas e demais grupos.

Utilizar a metodologia de análise documental implica buscar dados em documentos específicos. “A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (CAULLEY *apud* LÜDKE e ANDRE, 1986:38). Com o objetivo de obter indicadores culturais sobre o edital centrado nas questões de gênero e da participação de mulheres no audiovisual, recorreremos a Superintendência do Funcultura, inclusa no organograma da Fundarpe, para conseguirmos acesso aos projetos e coletarmos os dados que interessavam a pesquisa. Ao analisar os formulários de inscrição no Funcultura, percebemos que as informações significativas para a pesquisa seriam: 1. Quanto a(o) Proponente: Gênero, Cargo ou Função e Endereço; 2. Equipe: Gênero, Função e Estado; 3. Participação de Negro (a), Pardo (a), Indígena, Pessoa com Deficiência

- Há um documento de autodeclaração para agentes que sejam Negro(a)s, Pardo(a)s ou Indígenas, em que conseguimos identificar outras informações como: idade, cidade de nascimento, residência e estado civil.

A ideia inicial do estudo era abranger o universo de projetos inscritos, no total de 431 projetos. Porém, ao nos depararmos com o formato físico dos documentos e a ausência de sistematização de informações necessárias pela Fundarpe, era inviável finalizar o estudo no tempo permitido. Para tanto, o recorte da pesquisa abarca os projetos aprovados pelo edital, no total de 101 projetos. Ao pensar em mapear as mulheres que aprovam projetos no edital, descobrimos algumas limitações. A primeira se refere as funções: o edital solicita que conste

no projeto, obrigatoriamente, a equipe principal, que muda de acordo com a categoria. As funções são: Produtor (a), Diretor (a) e roteirista, Diretor (a) de programação e/ou curador (a) e/ou coordenador (a) técnico, Pesquisador (a), Professor (a) e/ou Oficineiro (a) e/ou Coordenador (a) Pedagógico e Técnico (a) em Preservação

Para todos os projetos de obras audiovisuais os proponentes deverão apresentar, no mínimo, os profissionais que exercerão as funções de: Produtor(a), Diretor(a) e Roteirista (exceto para as subcategorias de finalização e distribuição de longa-metragem e finalização de curta-metragem). Isso significa que muitas funções não são descritas no projeto. Com o material disponível, criamos um banco de dados com as informações citadas acima, de todos os projetos.

A segunda limitação que encontramos é quanto à identidade de gênero, pois ainda não é possível identificar se há mulheres transexuais enquanto agentes culturais, uma vez que o formulário não possibilita esse reconhecimento. Está em andamento a informatização do Cadastro dos Produtores Culturais, pelo Sistema Secult Fundarpe, com o novo formulário aplicado, haverá informações sobre identidade de gênero e orientação sexual.

A coordenadoria de audiovisual da Secult, co-responsável pelo Funcultura Audiovisual, possui dados gerais sistematizados, sobre os projetos inscritos na linguagem. Focaremos inicialmente nesses dados e os complementaremos com os elementos coletados na pesquisa, ou seja, as informações dos projetos aprovados.

3.1. PRESENÇA DE MULHERES NOS PROJETOS

No gráfico 1 podemos observar que de um total de 431 projetos inscritos, há 16% de projetos em que a equipe é exclusivamente formada por homens. Em 24% desses projetos há a presença de mulheres diretoras ou roteiristas e em 60% dos projetos as mulheres estão divididas em outras funções.

Gráfico 1 – Mulheres contempladas nos projetos



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema Secult Fundarpe

Nos formulários em que a categoria inscrita se referisse a curta-metragem, a pessoa proponente precisaria incluir os nomes de diretores(a)s e roteiristas, ao contrário da categoria de longa-metragem ou TV, em que havia especificações quanto as linhas de desenvolvimento de projeto, em que poderia omitir o nome da pessoa responsável pela direção. Ao recortarmos esse número de projetos pela categoria de direção e roteiro de curtas-metragens, percebemos que os homens estão em 69% desses filmes enquanto diretores e roteiristas:

Gráfico 2 – Presença de diretores por gênero, nos curta-metragens



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema Secult Fundarpe

Em pesquisa realizada pela Ancine, sobre a participação das mulheres no audiovisual brasileiro¹³, apresentada em 2016, ela demonstra que, por maior que seja a presença feminina no Brasil, dado obtido no último Censo Demográfico (2010), as funções que as mulheres ocupam, quando comparada aos homens, é sempre menor. A população brasileira total está dividida em 49% de homens e 51% de mulheres. Quando o foco é a indústria cinematográfica e as funções de maior visibilidade, você possui, de um total de 2606 produtos audiovisuais que tiveram seus Certificados de Produto Brasileiro (CPB), em 2015, só 19% são filmes dirigidos por mulheres, enquanto há uma maioria de 74% de filmes dirigidos por homens; os outros 7% possuem direção mista. A predominância do *olhar masculino* (MULVEY, 1983) por trás do cinema é representada através dessas informações, em que as narrativas são construídas a partir de uma posição masculina, ao tempo que cabem as mulheres, a ausência de uma função de poder. Esses dados mostram que, em Pernambuco e no Brasil, o equilíbrio de gêneros está distante de ser alcançado. A seguir, outras variáveis serão apresentadas.

Com o recorte dos projetos aprovados, percebemos que continuam a existir projetos em que a equipe principal é apenas formada por homens. Porém, o interessante é que,

¹³ Disponível em:

<http://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/Presen%C3%A7a%20Feminina%20-%20RCM%202.pdf>. Acesso em 15 de março de 2017.

com a emergência dos movimentos de articulação das mulheres, já existem consequências em formas de ações. Há 14 projetos formados apenas por mulheres. Em conversa com Carol Almeida, ela afirmou que:

E isso só tá acontecendo agora por causa do MAPE. Tenha certeza disso. Não aconteceria antes. Existe uma consciência e uma vontade de se fazer projetos exclusivamente com mulheres. Até pra entender mesmo como é a dinâmica, quem são essas mulheres. Como o MAPE existe, as pessoas sabem quem é quem. Ali dentro você já sabe que tem uma fotógrafa que vai saber fazer o teu filme. Tem uma editora que montou vários filmes importantes e tá participando. Você vai conhecendo as pessoas. É natural que você chame as pessoas que estão próximas de você, é mais do que natural.

Essas produções são extremamente significativas, tanto enquanto resultado dos movimentos que surgiram recentemente em Recife, quanto pela presença feminina ocupando funções diversas na realização dos filmes. O que se observa é que as mulheres estão se organizando para que suas equipes contenham a presença feminina invisibilizada, seja na direção como nas funções mais técnicas.

Imagem 2 – Participação de Mulheres nos projetos aprovados.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema Secult Fundarpe

Dessas mulheres que participam de 82% dos projetos, apenas 30% delas ocupam funções de direção ou roteiro, enquanto 70% ocupam funções diversas. Isso significa que, por mais que o número de produções dirigidas por mulheres, no Estado, tenha aumentado, elas ainda pouco estão em cargos de decisão, quando comparadas aos homens. Obras dirigidas por mulheres são minoria entre os filmes lançados. Na imagem seguinte, observamos que só 30% das mulheres ocupam a função de Direção ou Roteiro e que, em sua maioria, estão delegadas a outras funções.

3.2. FUNÇÕES OCUPADAS PELAS MULHERES

Imagem 3 – Presença de mulheres por Função de Direção ou Roteiro.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema SecultFundarpe

Das 30% de mulheres que ocupam a função de Direção ou Roteiro, 5 são diretoras, 6 são roteiristas e 14 são diretoras e roteiristas. Desses 30% há outra informação importante, em 6% desses projetos a equipe é formada somente por homens, mas a mulher que está entre eles é diretora ou roteirista. Dos projetos em que as mulheres ocupam outras funções, ela é exclusivamente produtora em 31% desses projetos, ou seja, a equipe é formada por homens, mas há uma mulher entre eles e ela é produtora.

A produção é a função em que a maior parte das mulheres ocupa. Essa questão é discutida na maioria dos debates e argumenta-se porque geralmente o homem está na função de diretor ou realizador e a mulher está na função de produtora. A direção ou realização é aquele lugar de prestígio, de criador, de realizador, pensador do filme, de maior visibilidade perante público e o setor. A produção, ao contrário da visibilidade, é o papel do cuidado, da organização da casa. Chies (2010) discute a identidade de gênero no campo profissional e reflete sobre as profissões criadas especificamente para as mulheres, a exemplo das profissões que se apresentam como continuidade da vida doméstica.

Se a subordinação da mulher ao homem é um ponto fixo na mentalidade de uma sociedade, independente de qual profissão que esses venham a se confrontar no campo do trabalho, (...) por via de regra social, será menos valorizada nesse quadro, o que inevitavelmente indica que homens e mulheres não podem ter a mesma identidade mesmo que atuantes em uma mesma profissão. Pontos em comum nessa relação surgem, pois falamos de uma mesma profissão, mas existem diferenciais marcados pela questão de gênero. (CHIES, 2010, p. 510)

Nos debates com as mulheres do audiovisual, em Recife, elas afirmam que não menosprezam a função de produção em que as mulheres, em sua maioria, ocupam, mas que é uma reprodução, no set, da divisão sexual do trabalho. A produção é a função com maior porcentagem de mulheres, no Brasil e no mundo, conforme pesquisa sobre a participação das mulheres em funções-chave, na produção cinematográfica brasileira. Nos encontros, são

debatidas as funções ocupadas pelas mulheres e em geral, o papel da delas é de subordinação ao homem. Em entrevista¹⁴, uma multiprofissional do audiovisual, foi indagada sobre a produção ter o maior número de mulheres, ela respondeu:

Tenho minha própria teoria, que não sei se é um fato. Produzir cinema requer organização, inclusive financeira. Lá trás, o homem ia para a rua, arrumava o dinheiro, e a mulher administrava. Na minha família era assim: meu pai trabalhava fora e minha mãe, em casa. A administração doméstica era dela. A mulher tem muita capacidade de gestão e isso casa perfeitamente com o trabalho de produtora.

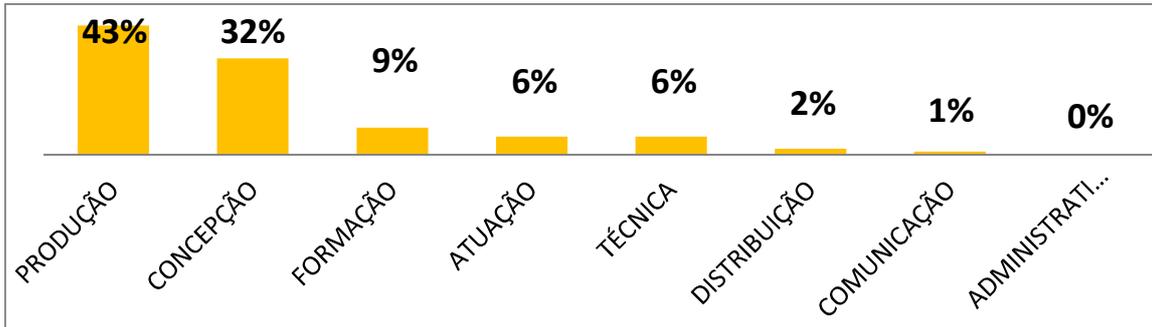
Entre as funções que foram possíveis ser mapeadas, decidimos agrupá-las para facilitar a análise.

- CONCEPÇÃO: Direção, roteirista, direção de arte, curadoria, consultoria, argumentista, direção de programação, direção executiva e assistente de direção, animadora.
- PRODUÇÃO: Direção de produção, coordenação, coordenação executiva, coordenação de acessibilidade, produtora executiva, produtora de lançamento e assistente de produção
- TÉCNICA: Coordenação técnica, assistente de som direto, montadora, montadora de som, coordenação de exibição, técnica de exibição e editora
- ADMINISTRAÇÃO: Administrativo e prestação de contas
- FORMAÇÃO: Coordenação Pedagógica, educadora, pesquisadora e debatedora
- ATUAÇÃO: Coreógrafa, atriz, depoente, narradora, apresentadora e permissão de uso de imagem, som ou obra
- COMUNICAÇÃO: Divulgação
- DISTRIBUIÇÃO: Coordenação de exibição, consultora de *crossmedia* e produtora de lançamento

Silvia Cruz, responsável pela Vitrine Filmes, distribuidora brasileira, afirma que sua equipe de trabalho é formada 90% por mulheres e que quando iniciou esse trabalho, era a única mulher a frente de uma distribuidora, sete anos depois existem apenas duas mulheres no campo. Em sua fala, no Janela Internacional de Cinema, ela diz que a maioria das distribuidoras é de homens, que esse ramo é dominado por eles.

¹⁴ Entrevista disponível em: <http://mulhernocinema.com/entrevistas/elisa-tolomelli-fala-sobre-mulheres-produtoras-e-filme-com-ana-paula-arosio/> Acesso em 16 de março de 2017.

Gráfico 3 – Divisão das funções ocupadas por mulheres



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema SecultFundarpe

Pelo gráfico acima e voltando ao que o edital do Funcultura entende por equipe principal, os dados mais significativos são aqueles relacionados a produção e concepção, pois as outras informações não eram obrigatórias de serem colocadas nos projetos.

Do total de mulheres, independente das funções, elas representam 43% das profissionais, enquanto os homens representam 57% dos profissionais. Dos 43% de mulheres profissionais, 30% são diretoras ou roteiristas. Enquanto dos 57% de homens, 70% são diretores ou roteiristas.

3.11 OUTRAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES:

Ao afunilar o perfil de quem são essas mulheres, onde elas residem, qual grau de escolaridade e idade:

Tabela 1– Distribuição Regional das Mulheres

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL (LOCAL ONDE ELAS RESIDEM)				
TODAS AS MULHERES	26 municípios	62,8% residem em Recife	76,2% residem na região metropolitana	23,8% reside em outros lugares, inclusive fora do Estado

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema SecultFundarpe

Podemos afirmar que o cinema, além de ser atravessado por imagens masculinas, é abarcado por pessoas residentes na capital. Mesmo com linhas de financiamento específicas destinadas a projetos de curtas e difusão pelas regiões do estado, a distribuição regional ainda é problemática.

Com relação à escolaridade, 32% das mulheres são graduadas e em sua maioria, possui idade entre 31 a 40 anos. É importante considerar essas estatísticas, pois de acordo com

pesquisa do IBGE (2014), houve um aumento da escolaridade das mulheres em relação aos homens. Não foi possível coletar todos os dados relacionados a homens e mulheres, o que seria necessário para uma análise mais profunda, mas, no geral, para alcançar níveis similares em suas profissões, as mulheres precisam estudar mais do que os homens. Em exemplo dado por Carol Almeida:

Pra eu chegar num nível de conversar com os caras na mesma mesa e eles respeitarem o que eu to falando, eu tenho que ler muito mais do que um cara. Eu tenho que me esforçar 30 vezes mais do que um cara que, na hora que diz que é crítico, todo mundo acredita no que ele tá falando. É muito diferente. Um homem jovem que diz que é crítico de cinema, as pessoas irão acreditar nele. Uma mulher jovem que diz que é crítica de cinema, as pessoas vão dizer: olha querida, falta muito pra você chegar lá.

Tabela 2– Escolaridade das Mulheres

ESCOLARIDADE	
TÉCNICO	2%
MÉDIO	8%
GRADUAÇÃO	32%
ESPECIALIZAÇÃO	20%
MESTRADO	11%
DOUTORADO	3%
NÃO DEFINIDO	24%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema Secult Fundarpe

Tabela 3– Idade das Mulheres

IDADE	
22 A 30	30%
31 A 40	34%
41 A 50	10%
51 ACIMA	6%
NÃO DEFINIDO	19%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema SecultFundarpe

Na tabela 4 visualizaremos as informações provenientes da autodeclaração e a ausência delas. Nos formulários, não era necessário identificar raça ou etnia, salvo a autodeclaração. Eu posso ser uma mulher negra, me identificar como negra, mas não preencher a autodeclaração disponível nos arquivos da chamada pública. Das informações declaradas, há 14% de mulheres que se autodeclaram negras e 3% se autodeclaram pardas. Isso significa que 83% das mulheres não se autodeclararam. Não podemos afirmar que elas são brancas, mas é possível afirmar que atualmente há uma briga por representatividade

negra, em filmes, campanhas, set de filmagens. Há uma hashtag criada há dois anos, *#OscarsSoWhite*, que é usada para criticar a ausência de pessoas negras no Oscar. Dos projetos aprovados, só há 16% de mulheres diretoras negras:

Tabela 4– Autodeclaração das Mulheres

AUTODECLARAÇÃO	
NEGRA	14%
PARDA	3%
NÃO DEFINIDO	83%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Sistema SecultFundarpe

Juliana Lima, realizadora e vice-presidenta da ABD / Associação Pernambucana de Cineastas (Apeci) problematiza a inserção de negros, e especialmente negras, no cinema. A questão da mulher no cinema é muito mais grave quando são apresentados os indicadores da pesquisa. No levantamento de dados, não há definições de mulheres indígenas ou de mulheres com deficiência. Juliana Lima faz parte do Conselho Consultivo do Audiovisual e participa de um Grupo de Trabalho (GT) sobre a questão das cotas no Funcultura. Além das discussões levantadas pelos grupos de mulheres, a respeito da mulher negra, há um debate e pesquisas realizadas pelo GT. Para o edital 2016/2017, do Funcultura Audiovisual, há mudanças significativas com relação a raça e etnia, como a aprovação de 20% dos projetos de obras audiovisuais (longa-metragem, curta-metragem e produtos para TV) de profissionais negro(a)s e indígenas nas funções de direção e roteiro.¹⁵

Sobre o estado civil, só era possível obter esse dado a partir da autodeclaração. Como conclusão das informações, pela superioridade das informações, geralmente as mulheres da pesquisa trabalham com produção, residem na capital do Estado, em Recife, possui graduação, tem de 31 a 40 anos e a cor não é definida, mas podemos supor que são mulheres brancas.

¹⁵ Governo do Estado lança edital nacional do FIG. Disponível em: http://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Edital-FUNCULTURA-AUDIOVISUAL-2016_2017-RETIFICADO-EM-06-02-2017.pdf Acesso em: 16 de março de 2017.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos esforços, esse debate ainda é recente e há pouco material *in loco*, seja nas instituições públicas ou na academia. O problema da falta de sistematização das informações anteriores ao edital 2015/2016 inviabiliza uma análise mais detalhada sobre a historicidade do tema e os avanços a partir das inovações do Funcultura. De 2015 até o atual momento, há mulheres se mobilizando, discutindo seus espaços profissionais, se articulando, se conhecendo e com urgência de representatividade no setor. Nessa perspectiva, acreditamos que a análise do audiovisual no que respeita às questões de gênero, perpassa por debates contemporâneos como a equidade de gênero, representatividade das mulheres, machismo, empoderamento feminino e violência contra a mulher.

Os dados da pesquisa mostraram que o número de mulheres envolvidas, principalmente, em funções de prestígio, como direção e roteiro, é consideravelmente menor do que o número de homens. Mesmo para o Estado de Pernambuco, cada vez mais visibilizado pelo cinema, a participação das mulheres nos cargos de comando, ainda é vista com estranhamento e não aceita por parte dos profissionais homens envolvidos. Por outro lado, algumas instituições públicas estão acompanhando, mesmo ainda não a contento, a luta significativa das mulheres, é o caso da Ancine, que fará no dia 30 de março de 2017 um Seminário Internacional Mulheres no Audiovisual, com o objetivo de discutir a presença delas na realização de filmes, no desenvolvimento de suas carreiras, a presença da mulher nas telas, entre outros assuntos.

Percebemos que há mais filmes produzidos por mulheres do que dirigidos e escritos por elas. A significativa participação de mulheres na área de produção reforça estereótipos, já que a função possui íntima ligação com o papel de cuidadora. A função do(a) produtor(a) requer organização e não necessariamente, criação. Ao contrário da função do(a) diretor(a) que trabalha diretamente com a criatividade e causa visibilidade, é uma função de importância e comandos. Dependendo da função a qual a mulher venha a ocupar, ela pode ser aceita ou sofrer descrença da sua capacidade. Outro desafio à gestão é a inclusão de mais negra(o)s e indígenas nas telas, atrás das câmeras, em posições decisórias. É fundamental que as narrativas de mulheres, negra(o)s e indígenas cheguem à tela. É necessária a representatividade da diversidade de discursos e imagens, de percepções e vivências.

Pernambuco está caminhando na frente com os dois últimos editais do Funcultura Audiovisual, mas não podemos esquecer a urgência de discussão em outras linguagens. Vale o

debate sobre equidade e o estímulo a representação de gênero em outros setores profissionais, culturais e artísticos. Atualmente se tem discutido a composição das seleções curatoriais para chamadas, editais e convocatórias. É importante garantir a presença de pessoas sensíveis as questões emergentes sobre equidade de gênero e (in)visibilidade das mulheres. A conquista desses espaços é necessária para menor discrepância, pois o audiovisual está longe de ser um espaço acessível de forma equalitária para homens e mulheres.

Destacamos, por fim, o papel ativo dos grupos feministas e dos movimentos de mulheres para a construção desse debate e para o questionamento dessas ausências e invisibilidades. As iniciativas mapeadas nessa pesquisa são fundamentais para a desconstrução do machismo. A presença do poder público por meio do edital do Funcultura Audiovisual é indispensável nesse processo de construção de uma política pública de gênero.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carol. Por outra representação da mulher no cinema. Disponível em: <https://foradequadro.com/2016/12/09/por-outra-representacao-da-mulher-no-cinema/#more-567>. Acessado em: 12 de março de 2017
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya. *Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade*. Covilhã: Coleção: Livros LabCom. Série: Pesquisas em Comunicação, 2016.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya; VELOSO, Ana. *O entrelace entre Gênero e Comunicação: uma discussão contemporânea*. Ed. IFS, Aracaju.
- BOURDIEU, Pierre (1998) "A Dominação Masculina Revisitada". In LINS, Daniel (org.) *A Dominação Masculina Revisitada*. Campinas: Papyrus, p.11-27
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008 (Coleção Sociologia).
- CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2010, vol.18, n.2, pp.507-528. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2010000200013&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 15 de março de 2017
- DANTAS, Daiany Ferreira. no cinema de mulheres. Tese apresentada ao Programa de Pósgraduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. 2015.
- DE LAURETIS, Teresa. "Semiótica y experiencia". *Alicia ya no: feminismo, semiótica, cine*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1984. p. 251-294.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- JESUS, Jaqueline. *Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2013.
- KAPLAN, Elizabeth Ann. *A mulher e o cinema - os dois lados da câmera*. Trad. Helen Márcia Potter Pessoa. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições* [online]. 2008, vol.19, n.2, pp.17-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso: 10 de março de 2017
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo, SP: EPU, 1986.
- MULVEY, Laura. *Prazer visual e cinema narrativo*. In: XAVIER, Ismail. *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- NOGUEIRA, Conceição (2001), *Um Novo Olhar Sobre as Relações Sociais de Gênero*. Perspectiva Feminista Crítica na Psicologia Social, Lisboa, Gulbenkian
- PESSOA, Ana. Por trás das câmeras. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Realizadoras de cinema no Brasil: (1930/1988)*. Rio de Janeiro: CIEC, 1989.
- SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990
- TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1988.
- XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3ª edição. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005.
- WANDERLEY, Natalia Lopes. *O que porra é cinema de mulher*. A mostra Cinema de Mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco

6. ANEXOS

Nota de Repúdio: Machismo no Cinema Pernambucano MACHISMO NO CINEMA PERNAMBUCANO

Nesse sábado (29/08), ocorreu no cinema da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), durante o debate sobre o filme “Que horas ela volta?” de Anna Muylaert, mais um retrato da sociedade patriarcal em que vivemos: um espetáculo de machismo, homofobia e gordofobia. Os cineastas Lírio Ferreira e Cláudio Assis tentaram impedir a fala da cineasta e do público aos gritos, listando os “defeitos” da atriz principal do filme, Regina Casé, chamando-a de gorda e ao maquiador de “bichona”. Devido ao incidente, a Fundaj lançou uma nota de desculpas e uma medida que suspende a presença de ambos e suas obras nos espaços da Fundação pelo período de um ano. Algumas pessoas se posicionaram contrariamente à postura da instituição e, por isso, nós, coletivos feministas da cidade do Recife, vimos a público tentar desmistificar alguns argumentos e nos posicionar nesse debate:

1. “A decisão da Fundaj foi punitivista e anti-democrática”. Vivemos um momento político, a nível nacional, que exige uma recapitulação acerca do sentido das palavras “democracia” e “liberdade”. Primeiro, não há como se falar em democracia sem se falar em igualdade entre xs sujeitxs que a compõem. Esta igualdade pressupõe o respeito mútuo e, portanto (e sobretudo), o respeito ao diferente. Uma atitude opressora, machista e gordofóbica é, na verdade, o que existe de mais antidemocrático - e não a ação de uma instituição pública (como é o caso da Fundaj) que visa reprimir atos vexatórios e discriminatórios, os quais, por seu turno, vão, sim, de encontro aos princípios do próprio Estado Democrático de Direito, tal como se reivindica na nossa República Federativa Brasileira. Segundo, a liberdade de expressão não é o mesmo que liberdade de opinião. Defender a liberdade de expressão não significa defender o direito à oprimir outras pessoas. Desejar a liberdade é desejar a liberdade de todxs. O que vemos no debate em questão é uma confusão conceitual. Comparar a censura ao machismo às censuras do período ditatorial é um desrespeito histórico. Relativizar a censura dessa forma é relativizar os motivos históricos pelos quais diferentes atores foram censurados. Temos total convicção de que o machismo, lgbtfobia e gordofobia devem ser punidos e vetados. Especialmente porque estes atos não aparecem como rompantes isolados ou atos sem reverberação na sociedade. São, ao mesmo tempo, reflexo de uma sociedade patriarcal e perpetuam essa mesma sociedade. Sociedade patriarcal esta a qual estamos lutando para DERRUBAR! É preciso escurecer um fato: não se trata de negar o direito à divergência, se trata de vetar um discurso de ódio amplamente disseminado na nossa sociedade, motor impulsionador de espancamentos e assassinatos diários demulheres Brasil afora.

2. “O cinema é uma arte coletiva, de forma que o veto aos filmes destes diretores estende a punição a toda a equipe que participou do processo”. Ora, sejamos francxs. O cinema é uma arte coletiva, mas é também extremamente hierarquizada. Todxs nós sabemos que a pessoa que responde pelo filme é x diretorx, sendo as outras pessoas responsabilizadas pelas suas áreas específicas, mas não pela obra como um todo. Consideramos de extrema importância o debate acerca da horizontalidade e do amplo reconhecimento de diferentes atorxs envolvidos nos processos criativos do cinema, principalmente porque consideramos que essa questão é importante em todos os campos da nossa organização social. Apoiamos, desta forma, a parcela da categoria que está empenhada em desconstruir esta hierarquia em suas práticas profissionais – o que, entretanto, é radicalmente diferente da negação ingênua da existência da centralidade de mérito e responsabilidade no campo cinematográfico hoje. Se a equipe será

prejudicada, a culpa é de exclusividade dos diretores. Igual ingenuidade é a que tenta separar as obras de seus diretores como se suas obras não fossem, sobretudo, o palco desses sujeitos. A Fundaj não está restringindo o direito destes diretores de produzir filmes, tampouco está impedindo o público de ter acesso a estes filmes. A instituição está apenas demonstrando coerência com os seus princípios – não fazendo mais do que sua obrigação enquanto órgão estatal com fins educacionais que é -, negando visibilidade (e são os seus filmes o que dão a maior visibilidade para os indivíduos em questão) a indivíduos que comungam com uma visão de mundo opressora, a qual a instituição deve estar comprometida em combater.

3. Os indivíduos envolvidos estavam alcoolizados e, por isso, perderam o controle. É com pesar que percebemos ainda ser necessário desconstruir um argumento como este. A culpabilização do álcool é uma estratégia antiga, muito usada em casos de violência contra a mulher. Não é, de forma alguma, justificativa adequada para sair vociferando injúrias (e, na maioria dos casos, violência física) contra as mulheres. Deverão, sim, ser responsabilizados sempre que representarem ameaça pública.

O caso de violência mostrou algo além do machismo, revelou a força enorme de todas as mulheres que, após o acontecido, não nos calam. O assunto veio à tona como não viria em outras épocas e, como já não é mais possível negar que houve machismo, buscaram-se outras formas de deslegitimar a responsabilização feita. Com todo esse arsenal de defensorxs, estamos a correr o risco destes indivíduos pensarem que estão com a razão. Não podemos recuar. Estamos fartas desses shows de machismo revestidos de suposta irreverência. O machismo não é irreverente! O machismo é a reprodução de tudo de mais conservador que existe. É importante não deixar esse fato ser esquecido, assim como não esqueceremos que o cineasta dinamarquês Lars Von Trier foi considerado persona non grata no festival de Cannes após uma declaração nazista. A decisão da Fundaj é sobretudo uma decisão política, e é dessa forma que precisamos entender o fato.

A sanção provisória da Fundaj, ao nosso ver, ainda é muito pouco. É necessário problematizar e desconstruir o machismo impregnado no cenário audiovisual pernambucano. Não esqueçamos da recente polêmica que a Mostra Cinema de Mulher, realizada no final de março de 2015 no Cinema da Fundação, suscitou no meio. Pensada exclusivamente por realizadoras mulheres, a Mostra foi ridicularizada por várias pessoas da cena cultural de Pernambuco. A Fundaj, ente público voltado à educação e à cultura, tem o compromisso social de realizar um evento que promova a discussão do machismo no audiovisual, com ampla participação das mulheres. Especialmente porque os dois recentes casos de machismo com repercussão pública no meio se deram em atividades promovidas pela entidade. Propomos que esse evento conte com uma mostra de filmes realizados por mulheres, com representação expressiva de cineastas negras, lésbicas e transexuais, além de um espaço para discussão sobre o machismo e a representatividade das mulheres no audiovisual, especialmente no cinema pernambucano.

Xs envolvidos na polêmica lançaram diversas notas, colocando suas posições diante do ocorrido. É ótimo que o evento tenha suscitado reflexões e consideramos legítimo que todxs façam suas ponderações, sobretudo Anna Muylaert, que foi alvo principal das agressões em questão, a qual tem todo nosso apoio em suas decisões. Gostaríamos de pontuar, entretanto, que as desculpas não devem estar voltadas apenas à diretora ou ao público presente, mas sim a todas as mulheres. A explosão de comentários se deve principalmente porque nós, mulheres que partilhamos cotidianamente espaços no meio audiovisual do Recife, estamos esgotadas destas demonstrações de machismo. O que é preciso ter em mente é que estas ações estão diretamente conectadas ao feminicídio e a toda forma de violência que

vivenciamos hoje no Brasil. Não se trata de um machismo apartado, de “níveis” diferentes de machismo. O que existe é uma cultura machista que se retroalimenta. Isso não pode ser tolerado. Em oposição à afirmação de Cláudio Assis em sua página de Facebook, não vemos na postura daquelas que se sentiram agredidas pelos diretores manifestação de conservadorismo ou caretice. Careta e ultrapassado é quem se mantém inerte e usa dos argumentos mais rasos para manter seu status quo. Careta é o machismo entranhado no cinema pernambucano. Estamos tratando de enterrá-lo de uma vez por todas.

Não esqueceremos dos opressores! MACHISTAS NÃO PASSARÃO!

Assinam essa nota:

Cabelação PE

Coletivo Feminista Diadorim

Coletivo LGBT Toda Forma

Coletivo Marcha das Vadias - Recife

Coletivo Mulher Vida

DACINE

DAPSI

FeminismoAgora!

Flores Crew

Flores do Brasil

Fórum de Mulheres de Pernambuco

Marcha Mundial das Mulheres - Núcleo Soledad Barret

Movimento Zoadá

Ou vai ou Racha

SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia